



OFÍCIO DE SELEIRO EM DORES DE CAMPOS

Jane Mary Arruda de Freitas

São João del-Rei

2013

Jane Mary Arruda de Freitas

Orientação: Prof^ª Ms. Luciana Beatriz Chagas

OFÍCIO DE SELEIRO EM DORES DE CAMPOS

Projeto apresentado ao curso de bacharelado em Artes Aplicadas com Ênfase em Cerâmica, para desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso TCC

São João del-Rei

2013

SUMÁRIO

Justificativa	4
Objetivos.....	5
Referencial teórico.....	6
Referência bibliográfica.....	51

JUSTIFICATIVA

Este projeto se propõe a investigar e documentar o trabalho artesanal aplicado nas selas fabricadas na cidade de Dorés de Campos, trabalho artesanal em couro realizado na técnica de rebaixe com formões, executado com maestria pelos seleiros, desde o século XIX. E divulgado pelos tropeiros da cidade, que desta forma muito contribuiu para o desenvolvimento econômico da cidade.

Dorés de Campos é uma cidade com aproximadamente doze mil habitantes. Foi emancipada há sessenta e seis anos e ainda não possui um acervo de objetos e fotos significativos ou até mesmo registros de fatos que marcaram a profissão do seleiro para a constituição histórica do município. O projeto visa valorizar as raízes históricas dorenses com a finalidade de inscrever no IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) o ofício de seleiro como patrimônio imaterial do município.

OBJETIVO GERAL

- Evidenciar o trabalho plástico desenvolvido durante o curso de Artes Aplicadas na UFSJ.

OBJETIVOS

- Colocar em destaque o “Ofício de Seleiro ” em Dores de Campos;
- Criar peças inspiradas na técnica de rebaxe, utilizada pelos seleiros;
- Verificar quais as influências deixadas pelos seleiros, para a comunidade dorense;
- Construir material documental sobre a história da cidade que permita pesquisa de estudantes.

INTRODUÇÃO

Leciono no Centro Educacional Wanderley Arruda para o Ensino Fundamental II e Ensino Médio, Arte. Já fiz especialização de “Arte e Educação”, mas percebia que não foi suficiente. Certa vez um aluno objetivando dificultar minha aula, perguntou qual era a minha formação para ministrar a disciplina, eu disse que era graduada em Pedagogia e citei minha especialização, percebi certo desdém, isso foi um incentivo para que eu buscasse uma formação especializada.

Ingressei no curso de Artes Aplicadas com Ênfase em cerâmica, na UFSJ, com o objetivo estritamente de ampliar meus conhecimentos sobre Arte em geral, pois isso traria mais segurança para trabalhar, no entanto no decorrer do curso me encantei pela cerâmica e já estou escrevendo o Trabalho de Conclusão de Curso.

Ao cursar Pedagogia no ano de 2002 na UFSJ, escrevi o TCC “O Tropeiro de Dores de Campos” e nesse momento escrevo o TCC para o curso de Artes Aplicadas, também na UFSJ, intitulado de “Ofício de seleiro em Dores de Campos” posso afirmar que é uma complementação do TCC anterior, pois recorri novamente à história oral.

A tradição oral pode ser considerada um elemento significativo para a pesquisa, uma vez que permite que fatos históricos venham a ser registrados. A linguagem oral possibilita a acumulação de conhecimentos, a transmissão de pensamentos, recordações, experiências entre pessoas e gerações. Em sua análise, Paul Thompson afirma em relação à história oral:

Para desenredar o passado mais do que a sociologia é de oferecer respostas para todos os problemas sociais da atualidade. Claro que os melhores historiadores econômicos e demógrafos sempre reconheceram isso:

como na escola dos *Annales*, na França, ou, na Grã-Bretanha, K. H. Connell que, em sua importante exposição sobre transformação demográfica da família irlandesa após a grande fome, utilizou a tradição oral recolhida pela Íris Folklore Commission como uma das fontes fundamentais de evidência. (1992, p. 101)

A história oral é provida de uma dimensão individual, e o entrevistador precisa precaver-se de encaminhar a entrevista a fim de que o tema não se afaste da realidade, pois, muitas vezes o entrevistado faz uma elaboração subjetiva da realidade. O que na verdade acontece com certa frequência em trabalhos que se valem da oralidade,

visto que os fatos, acontecimentos e situações, são resultado de uma elaboração subjetiva em constante transformação, de acordo com a dimensão em que o acontecido operou ou atuou no imaginário. (MONTENEGRO, 1992. p.18)

MEMORIAL

Sou neta de um tropeiro, Nelson Sereno. Passei uma boa parte da minha infância acalectada pelas histórias vividas pelo meu avô nas suas jornadas de trabalho e também de minha avó, pois no período que meu avô estava viajando eu dormia na casa de minha avó a fim de lhe fazer companhia. Dessa forma fui adquirindo uma poética com vivências e experiências de um mundo singelo permeado de uma sensibilidade romanesca, que só agora tomo consciência.



Nelson Sereno, meu avô (foto arquivo pessoal)

Antes de sair para a viagem, o tropeiro tinha uma preliminar bastante árdua. Para uma viagem ser bem sucedida, era necessário um lote de burros. O animal apropriado para viajar era o burro por ser resultante do cruzamento da égua com o jumento, que era mais resistente para carregar as mercadorias dos tropeiros. O lote de burros tem doze animais, sendo onze para carregar a mercadoria e pertences do tropeiro e um para “sela do mascate”, ou seja, para o dono da tropa seguir viagem. Dessa forma, os criadores de burros, vinham com frequência à cidade para abastecer as tropas incompletas. Havia um hábito curioso entre os tropeiros, faziam questão de formar uma tropa homogênea, ou seja, os animais eram todos escolhidos pelo aspecto visual, todos da mesma cor. Às vezes dava muito trabalho, conta-

se da tropa do Hildebrando, irmão de meu avô, do “Zé Sereno”, seus animais eram pretos com as patas brancas e uma pinta branca na testa, formando a mais bonita tropa da região.



Tropa de Vazique Leôncio (foto cedida pela família)

Depois da tropa formada havia um outro procedimento a ser feito, amansar os burros, que eram entregues a um especialista, poderia ser o próprio tropeiro ou um dorense com habilidade para tal função. Depois de domados, os burros precisavam ser marcados, usavam para essa

finalidade o marcador de burro (haste de ferro, tendo na ponta as letras iniciais do dono da tropa em ferro também) que era levado ao fogo até as letras iniciais ficarem vermelhas. Dessa forma, pegavam a haste e comprimiam contra a anca do animal, e assim ficava “tatuado” até que mudasse de dono. Isso feito, partiam para o processo de ferrar (colocar ferradura) o burro, amarravam o mesmo em uma estaca firme, pegavam a ferramenta denominada “zial” (peça de ferro de uns trinta centímetros aproximadamente, semelhante a um prendedor de roupa, com um gancho para regular a abertura na ponta), e prendiam no focinho do animal, que de tanta dor, perdia a força, alguns chegam a dizer que era para “anestesiá-lo” o animal. Continuava o processo de ferrar, se valiam de uma ferramenta denominada puxavante (ferramenta de ferro com aparência de uma enxada pequena, com uma haste de ferro e um semicírculo na ponta a fim de que o tropeiro pudesse firmá-la contra o próprio peito, pois esse trabalho exigia muita força física) para aparar o casco do burro; após firmava a ferradura no casco, vinham com os cravos, que eram rebatidos em cima de uma bigorna (utensílio de ferro, onde se malham e amoldam metais), assim o animal estava pronto para seguir viagem. O tropeiro, ainda tinha outras providências a serem tomadas como, abastecer sua casa de lenha, pois na ocasião os fogões eram à lenha. Assim o tropeiro fazia várias viagens aos terrenos circunvizinhos e deixava lenha estocada para ser usada até o seu regresso. Depois saía pelos barracões da cidade a negociar as mercadorias para levar a fim de serem comercializadas na viagem.

Enquanto o tropeiro fazia os “preparativos” para viajar, sua esposa também ajudava, “cosendo” roupas para o marido levar, torrando muitos quilos de farinha e salgando toucinho. A família do tropeiro era numerosa apesar de ele estar sempre viajando, geralmente quando chegava, um filho novo o recebia e outro era gerado. Relatou a esposa de um tropeiro, que houve um filho nascido prematuro e faleceu em seguida, o marido estava viajando e só ficou sabendo quando retornou. O casal passava por longos períodos de solidão, e esposa ficava com responsabilidade de dar uma boa formação aos filhos e de fazer alguma atividade extra para ajudar na renda familiar. Dona Luzia, por exemplo, bordava à máquina. Sua máquina não tinha recursos tecnológicos, porém fazia obras de arte com ela. Naquele tempo, as moças faziam enxoval todo bordado à máquina, os enxovais de bebê também eram todos bordados e os vestidos das damas da alta sociedade dorense, também eram bordados. De maneira que Dona Luzia, minha avó, tinha sempre trabalho a fazer, apesar do retorno financeiro não ser satisfatório, sentia-se realizada em bordar à máquina. Sobre as esposas dos tropeiros, é interessante registrar a fidelidade ao marido durante os longos períodos de ausência, o que dava “alma nova” aos mesmos.

Depois de todo esse processo, contratavam o camarada (pessoa destinada a ajudar o tropeiro, ia a pé tocando a tropa), e combinavam o dia da saída para a viagem. Os animais eram arreados na seguinte ordem: colocavam a cangalha (arreamento com carcaça de madeira, forrado, destinado a sustentar a carga dos animais, distribuída igualmente dos dois lados) que era composta de talabardão (acolchoado de capim seco, destinado a proteger o lombo do animal), peitoral (sustenta a cangalha segurando para que não se desloque para trás, situa-se no peito do burro), retranca (sustenta a cangalha segurando para que não se desloque para frente, situa-se na região da anca do animal), a seguir coloca-se a cilha (correia larga que passa sobre a sela para prendê-la ao lombo do animal). Assim o animal está pronto para receber o par de balaio que irá carregar durante longa data, o balaio também conhecido como jacá, comportava uma carga de cinquenta a sessenta quilos em cada um, portanto o animal suportava a carga máxima de cento e vinte quilos. Porém houve relatos de tropeiros que não tinham contemplação com os animais e chegavam a colocar nos, mesmos carga equivalente a cento e oitenta quilos. Entre os balaio, eram colocados os dobros (rédeas, cabrestos) para dar maior firmeza aos mesmos, a seguir jogava-se por cima o couro, a fim de proteger a carga da chuva, e para prendê-lo também, passavam a sobrecarga (corda com um gancho em uma ponta e na outra uma argola) envolta dos balaio e da barriga do animal, depois vinham com o arrocho (pedaço de pau que servia para apertar a sobrecarga a fim de firmar o couro). Na ponta de cada arrocho, ficava uma tira de tecido vermelho para sinalizar a tropa. O burro que ia à frente levava um peitoral com vários cincerros (campainha grande) para que a tropa fosse “anunciada”, onde quer que estivessem passando, e o último burro era o animal mais bravo (burro de coice) para proteger contra possíveis invasões às tropas. Todos os animais eram submetidos a usarem sopradeira (peça feita em tiras de couro, que era colocada no focinho do animal para impedi-lo de parar durante a viagem com a finalidade de pastar).

O preparo de uma viagem acontecia em clima de festa, pois havia muita gente envolvida para arrear a tropa, marcar os burros e colocar ferraduras nos mesmos, e outras tantas pessoas curiosas apenas assistindo. Havia um semblante preocupado do tropeiro, conjugado com a melancolia da esposa, pois o período de ausência estendia-se por meses e era costume saírem de viagem pai e filho. Os momentos que antecedia a viagem eram de muita ansiedade, porém os “camaradas” trabalhavam com alegria, quando já estava tudo pronto o tropeiro se despidia de sua esposa e todos ficavam engasgados pelos momentos que estavam por vir, pois toda viagem além de ser um trabalho muito exaustivo era sempre uma “caixa de surpresa”. Depois de tudo pronto para a viagem, lentamente, os burros iam pela rua, um silêncio pairava no ar quebrado apenas pelos cincerros que iam pendurados no peitoral do burro de guia. Para os adultos deveria ser muito triste aquele ruído, isso era demonstrado nos olhos rasos d’água. O tropeiro não

olhava para trás, montado em seu cavalo, apenas tirava o chapéu da cabeça e acenava. Todos ficavam ali parados, olhando até a tropa virar a esquina, e assim prosseguia a rotina de uma família de tropeiro.

O tilintar, o brilho e o movimento do cincerro estão vivos em minha memória, pois para mim era uma “festa”, sentia orgulho do meu avô e adora ficar dormindo na casa da minha avó, consigo lembrar do seu cheirinho dela até hoje.

Montar em um cavalo sem proteção é muito desconfortável, o primeiro estágio da sela foi no momento em que colocaram tapetes para facilitar a montaria. O segundo estágio foi uma cangalha que feria o animal. Dessa forma, procuraram uma maneira de desenvolver um tipo de sela que fosse confortável para ambos.



Na Idade Média, o cavaleiro precisava ficar encaixado dentro da sela para resistir aos coques da cavalaria, assim com o passar dos anos houve um avanço na construção da sela dos nômades, ocorrido na Ásia Central. Interessante a citação anterior denominar selas desde tempos bem remotos, em Dorés de Campos, a denominação sela é utilizada para equitação e lazer. Para o trabalho denominam arreio, tanto que é mais simples e o preço é mais acessível.

Através da história oral consegui, em 2004 as seguintes informações: “entre os anos de 1835 e 1840, os irmãos Antônio da Silva Sena e Manuel Justino da Silva foram os pioneiros da indústria de arreios e selas, que implantaram e impulsionaram em Dorés de Campos o ofício que tornou-se o meio de sobrevivência dos dorenses. Conta-se que foram à cidade de Barbacena e propuseram a um seleiro de nome Bibiano que lhes ensinasse seu ofício, mas não concordaram com as condições exigidas. Sendo assim, compraram do Sr. Bibiano, um selim¹ patente e um

¹-selim- pequena sela rasa.

silhão² que, em casa desmancharam e por ele fizeram outros iguais. Aperfeiçoaram seu ofício à posteridade.

Existe também a versão oral de que um estrangeiro de passagem pelo município, transmitiu o ofício a moradores que aperfeiçoaram o produto. Dessa forma começaram a surgir vários barracões ou tendas, que eram galpões destinados a abrigar os trabalhadores que confeccionavam os artefatos de couro e armazenar os produtos”.

Porém em recente entrevista com o Sr. Antônio Guido da Silva, proprietário da Artecouro, renomada selaria de Dorés de Campos, relatou-me que no final do século XIX, muitos trabalhadores dorenses iam a cavalo trabalhar na vizinha cidade de Prados confeccionando arreios, dessa forma aprenderam o ofício e eram bons oficiais, assim depois de um tempo uniram-se fundaram um “barracão”(nome inicial das casa de couro). Geralmente, alugavam uma casa mais velha e trabalhavam ali, com o tempo começaram a construir barrocões mesmo. E assim foram ensinando o ofício de seleiro aos dorenses.

A prática de comprar um arreio ou sela e desmanchar para conseguir moldes, acontece até hoje, mas depois que os dorenses deixaram de trabalhar nos barracões de Prados, não havia mão de obra necessária e foram extinguindo os barracões em Prados e multiplicando em Dorés de Campos, que atualmente fabrica selas, arreios e acessórios com qualidade e acabamento, dignos de nota. E Prados possui apenas uma selaria com produção muito pequena.

As tropas foram importantes para ligar e unir áreas distintas e distantes do Brasil, gerando maior fluxo de comércio e desenvolvimento. A circulação dos artigos de subsistência e gêneros que poderiam facilitar a vida e o crescimento da economia, ocorreram, graças aos tropeiros e aos animais que formavam suas tropas. E para a economia de Dorés de Campos foi indispensável o comércio de arreios e acessórios pelo Brasil, de forma que até hoje cerca de 50% da economia do município gira em torno das selarias que atingiram o número de 81 empresas de artefatos de couro.

² silhão – sela grande, com estribo apenas em um dos lados e um arção semicircular apropriado para senhoras cavalgarem de saia.



FOTO DA SELARIA RAÍZES DO COURO



SELA FABRICADA NA SELARIA ARTECOURO DORENSE



SELA PARA EQUOTEPERAPIA DA SELARIA IRMÃOS ANDRADE

PERCURSO NA UFSJ

Quando iniciei o curso de Artes Aplicadas, nunca havia trabalhado com argila. Assim fui sendo preparada para desenvolver o trabalho subjetivo, começando na disciplina “Plástica (design e expressão artística)”, com o professor Ricardo Coelho, que em uma das atividades avaliativas pediu que fizéssemos uma peça com palitos de picolé, deveria ser uma forma que iria se sobrepondo a outra para formar uma escultura:



O trabalho foi aprovado pelo professor, que conversando comigo descobriu meu interesse pelo ofício de seleiro e me sugeriu que eu conseguisse moldes de uma sela para assim construir minhas peças cerâmicas. Achei interessante a ideia que ficou latente, porém sempre refletia sobre ela. Quando consegui os moldes da sela, com formatos diversos, fiquei a imaginar o que poderia fazer, fiz algumas esculturas modulares:



Na disciplina “Desenho Técnico e Metodologia do Projeto”, ministrada pela professora Luciana Beatriz Chagas, uma das atividades que fizemos, foram as pranchas de ambientação para estimular nossa criatividade.



Dessa forma, a orientação da professora, seria que fizéssemos peças para jardim, assim surgiu a ideia da poética dos sinos para construir batateiros, que na verdade são suporte para acomodar batata doce, que brotam e as folhas caem em pendões e saem pelos orifícios, proporcionando uma estética interessante.

O batateiro é uma peça cerâmica atípica, quando mencionei o nome da peça, disseram que batateiro é aquele que planta batatas. Porém consta no dicionário Aurélio:

batateiro

[De *batata*¹ + *-eiro*.]

Substantivo masculino.

1. **Bot. Batateira.**
2. **Vendedor de batatas.**

Adjetivo.

3. **Que gosta muito de batatas.**
4. **Bras. Que pronuncia mal ou fala incorretamente; que comete batatas** [v. *batata*¹ (4)] .



BATATEIRO EM CERÂMICA (peça decorativa que pertence a minha mãe)



BATATA DOCE, PREPARADA PARA COLOCAR NOS BATATEIROS

Enfim criei o projeto de jardinagem, com luminárias, jardineiras e batateiro em forma de sino e decoradas com texturas das goivas dos seleiros.



DESENHOS CRIADOS POR MIM PARA AS PEÇAS PROJETADAS



BATATEIRO E JARDINEIRA, CRIADOS PARA A DISCIPLINA “DESENHO TÉCNICO”(Técnica utilizada para a confecção cerâmica: acordelamento e placas)



JARDINEIRA, LUMINÁRIAS E BATATEIRO



GOIVAS PARA REBAIXAR SELAS E ARREIOS



Também na disciplina “Modelagem e Conformação Cerâmicas”, criei um jogo de chá, já me apropriando das goivas nas texturas da minhas peças com a técnica também de acordelamento.



NÃO QUIS ESMALTAR A PEÇA COM A FINALIDADE DA TEXTURA REALÇAR

Já finalizando o curso no 7º período, tornou-se necessário criar o projeto para o TCC, para mim foi muito fácil, pois durante todo o curso fui construindo e aperfeiçoando a ideia das texturas com goivas em minhas peças. Dessa forma, visitei algumas selarias de Dorés de Campos, e obtive informações interessantes, além de algumas sugestões para as peças cerâmicas.



FOTOS DA FESTA EM HOMENAGEM AO TROPEIRO NA CIDADE DE PRADOS, 2013

Conforme estava agendado do projeto do TCC visita à “Festa do Tropeiro”, cumpri com o mesmo e consegui fotografar o evento e até algumas fotos de anos anteriores. Parece que são todas do mesmo ano, não há variedade nem uma cultura de acervo histórico. A única parte cultural é a comida do tropeiro que é feita em uma barraca e doada aos visitantes, eles servem a comida na mão da pessoa. Este ano estavam cobrando e servindo em pratinhos, a renda se reverteria para o asilo da cidade, já está acontecendo uma descaracterização. Fui de prancheta na mão e encontrei todos com um copo de cerveja e o animais que já haviam desfilado em tropa pela manhã, estavam descansando, “abandonados” não consegui informação significativa para o trabalho.

Em minhas pesquisas, o que descobri de interessante, foi o projeto “Mestres do Futuro”, acontecido em 2012, com cadastro no Ministério da Cultura, pela empresa Kavantan & Associados – Projetos e Eventos culturais Ltda da cidade de São Paulo, cujos objetivos gerais são: “a valorização da comunidade e da cultura popular local, formação artística, reconhecimento da arte da região, fomento ao turismo, desenvolvimento e valorização do conceito de

sustentabilidade.. cujo projeto objetiva valorizar estes que são como guardiões da memória cultural brasileira e dar aos jovens a oportunidade de manter vivo um trabalho tão especial realizado por estas pessoas. Os mestres serão os guardiões da memória cultural brasileira e os aprendizes a possibilidade de manter viva essa memória”.

O mestre escolhido foi o seleiro Zezinho, o qual denominaram “Mestre Zezinho”, que relatou não ter tido condições de fazer um bom trabalho porque havia um número muito grande de alunos para atender e não ter infraestrutura nem material de acordo, dessa forma os alunos foram evadindo, e ao final apenas 1/3 conseguiu certificado.

Depois em entrevista com Paula Moreira, da Secretaria Municipal de Cultura do município, mencionou que um dos alunos conseguiu montar sua “selaria”, já está produzindo como autônomo. Acredito que projeto como esse tem que ser oferecido com frequência, para estimular os dorenses sobre a consciência de manter vivo o ofício de seleiro.

O “Projeto Mestres do Futuro”, ensinou o básico da sela para os alunos, o rebaixe não foi oferecido por causa do cronograma que tinham a cumprir. Quem sabe se futuramente fossem ofertados cursos com melhor planejamento valorizando esse ofício tão importante para a cultura dorense? Entra aí a fundamentação sobre o registro no IPHAN do Ofício de Seleiro como patrimônio imaterial, que trará benefício para investimento na área beneficiando e valorizando os artesãos.

Nas visitas às selarias, tive a oportunidade de conversar diretamente com o proprietário e percebi que cada um tem dificuldades e diferenciais de comercializar seus produtos, com características bem específicas. Em algumas selarias minha visita foi virtual, tem sites bem interessantes, avançados. Conheci um site, que trabalho com “caixa negativado” (só com revenda, e ela acontece mediante pagamento com cartão de crédito).

Já no 8º período, por orientação da professora Luciana Beatriz Chagas, construí uma sela de argila, para que a partir dessa construção, surgissem novas concepções, dessa forma consegui finalizar a peça e ainda fiz uma escultura modular em círculo, com molde de peças para montagem de uma sela (imagens já registradas anteriormente).



SELA DE ARGILA EM PONTO DE COURO



SELA BISCOITADA

Ainda conforme orientação da professora Luciana, construí uma sela sem o suporte de argila para que assim desse um realce maior a peça e não fizesse confusão nas pessoas que desconhecem uma sela que poderiam pensar que o suporte fizesse parte da peça.



SELA DE ARGILA (EM CONSTRUÇÃO) SEM O SUPORTE DE ARGILA





SELAS EM PONTO DE OSSO, TÉCNICA E PLACAS



BATATEIRO EM PONTO DE OSSO, TÉCNICA DE ACORDELAMENTO



BATATEIROS CONSTRUÍDOS A PARTIR DO TORNIO, PONTO DE OSSO

Torna-se muito interessante como a se constrói um jeito novo de construir ideias, assim internaliza-se o que Ostrower escreve:

A fonte da criatividade artística, assim como de qualquer experiência criativa, é o próprio viver. Todos os conteúdos expressivos na arte, quer sejam de obras figurativas ou abstratas, são conteúdos essencialmente vivenciais e existenciais. Também os acasos podem ser caracterizados como momentos de elevada intensidade existencial, porquanto a criatividade é estreitamente vinculada à sensibilidade do ser. OSTROWER, 1999 p.7

Dessa forma, fico a imaginar, se não há um despertar da criatividade, acabamos ficando no ostracismo, estáticos e alienados. Vivo em Dorés de Campos desde que nasci, 51 anos, as selas, os rebaixes eram parte do meu cotidiano, “não era minha área”, acostumada a vê-las constantemente, nunca imaginei que fosse uma poética local. Dessa forma, a partir do momento em que comecei o curso de Artes Aplicadas, através de várias disciplinas e orientações dos professores transformei o óbvio em criação. E assim como escreve Picasso: “O importante na arte não é buscar, é poder encontrar”, eu consegui encontrar subjetividade para modelar minhas peças cerâmicas.

Sempre fui muito organizada em realizar minhas tarefas, e desde bem nova, fui aluna estudiosa e aplicada, gosto de ter em mãos os materiais necessários para realizar as tarefas propostas pelos professores. Logo no início do curso, outubro de 2010, aconteceu no campus, Ctan, o Contaf (Congresso Nacional das Artes do Fogo), fiz inscrição e participei, aprendi bastante sobre o curso, mas era ainda muito imatura, se fosse agora iria saber aproveitar melhor. O fato é que além de me inteirar de várias técnicas, que depois pude me aprofundar, consegui adquirir ferramentas para trabalhar, dentre elas a mais importante foi o torno, no qual pude treinar intensamente, isso me ajudou e ajuda muito.



O estilo de um artista se revela em inúmeras decisões intuitivas (conscientes ou inconscientes), cobrindo todas as etapas e detalhes do trabalho, desde a escolha inicial da técnica e do material, dos elementos visuais e seus relacionamentos formais à configuração da imagem. OSTROWER, 1999, p.18

E assim como escreve Ostrower em seu livro “Acasos e Criação Artística”, foi o que aconteceu comigo tomei várias decisões intuitivamente, me encantei com Camille Claudel, fiquei maravilhada com os trabalhos de Rodin, mas odiei sua personalidade, não consigo concordar com o fim de Camille. Porém não posso negar que foram artistas maravilhosos.

No período em estudamos a disciplina “Arte Brasileira”, fiquei emocionada, pensei: “Vou ser PHD em Tarsila do Amaral”, sou fascinada pelas suas criações e pelo seu estilo de vida. Fiquei frustrada ao final da disciplina, porque houve uma ênfase muito grande aos artistas com formação europeia e destaque para as escolas de lá. De acordo com o que já li, a arte brasileira genuína, segundo minha subjetividade, inicia na arte rupestre, arte indígena, cerâmica do Nordeste do Brasil, que também foi um legado indígena e tem seu ápice na “I Semana de Arte

Moderna do Brasil”. A qual objetivava criar uma autêntica arte brasileira com artistas renomados de todas as linguagens da arte. Sei que Tarsila teve formação europeia, e que chegou ao Brasil depois da “Semana de Arte”, contudo ela estava totalmente inteirada do que estava acontecendo, porque ela mantinha correspondência com Anita Malfati, que fazia parte do movimento, com sua arte expressionista. No entanto, não aconteceu como eu esperava, o assunto foi abordado em apenas, duas aulas geminadas. Esse movimento foi tão expressivo, pois foi o início da valorização da criação artística brasileira, especialmente quando Tarsila do Amaral, criou “Abaporu” e Raul Bopp descortinou o “Movimento Antropofágico”. Tão significativo como foi o Impressionismo para a Europa. No entanto tive a oportunidade de verbalizar meu descontentamento, e considero essa obra prima da Tarsila um ícone nacional, só lamento ser de posse de um colecionador argentino.



AMARAL, Tarsila do. *Abaporu*. Óleo sobre tela. 1928. Museu de Arte Latino-Americana de Buenos Aires, Argentina

Com o tempo fui me apropriando dos termos e das técnicas cerâmicas, buscando sempre a perfeição, ainda não encontrei, mas continuo buscando. O que encontrei foi um campo amplo de criação do meu próprio cotidiano, como pode ser avaliado pelas imagens acima.

...as hipóteses levantadas por Dr. Kris a respeito da inspiração. Ele identifica no momento inspirador uma regressão psíquica, uma volta a determinadas situações de conflito infantil (desejos, sentimentos de culpa, traumas). Embora esta noção possa fazer sentido dentro das teorias psicanalíticas, esclarecendo certos mecanismos do inconsciente confrontar-se com o consciente da pessoa, nada se esclarece em termos de arte. Sobretudo por não existir arte sem estilo. E o estilo representa sempre a experiência da personalidade adulta dentro do contexto de uma determinada cultura. OSTROWER, 199, p.12

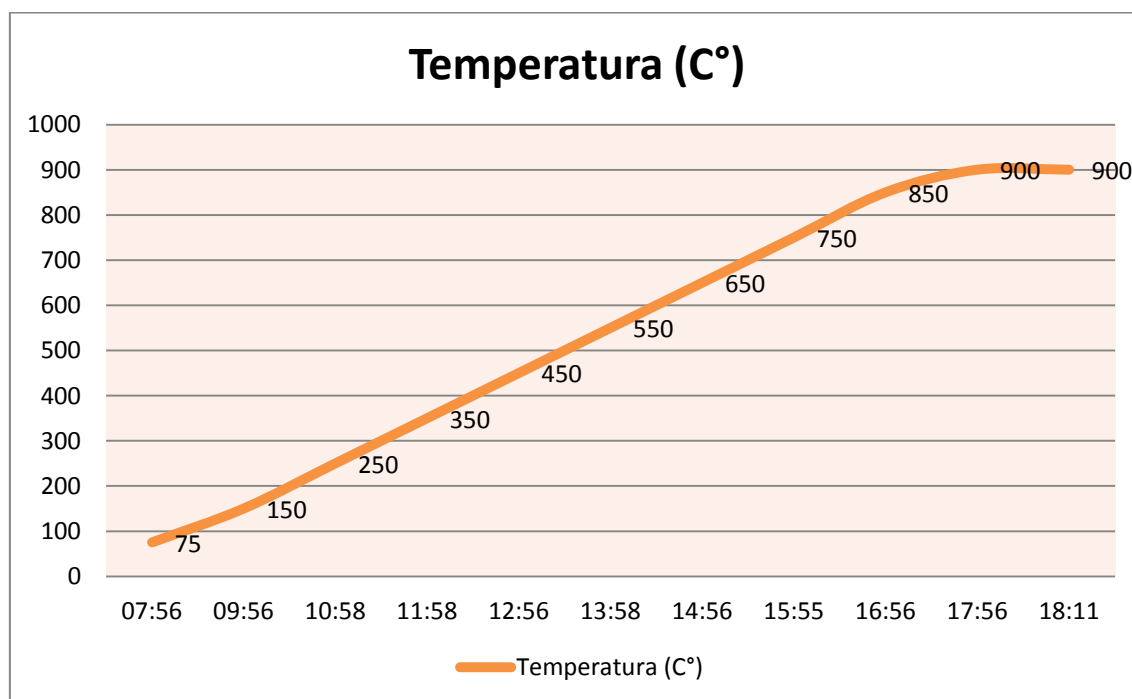
Depois do torno minha grande aquisição foi um forno elétrico, de 40 cm², semi automático, com temperatura até 1000 C°, que adquiri de uma ceramista de Belo Horizonte. Fiquei com ele dois anos sem instalar, foi instalado em meu ateliê no ano 2013.





No só no final do ano tive coragem de fazer a 1ª queima de biscoito sob orientação da professora Luciana Beatriz Chagas, dessa forma no dia 07 de dezembro de 2013 aconteceu a 1ª queima, seguindo gráfico a seguir:

GRÁFICO DA 1ª QUEIMA DE BISCOITO



ABERTURA DO FORNO APÓS O RESFRIAMENTO



O resultado foi excelente a não ser pelo fato de eu ter colocado duas peças cerâmicas direto no forno, no lugar em que ficam as resistências, estourou.



PEÇA DE COURO REBAIXADA NA SELARIA IRMÃOS ANDRADE

DESENHO QUE TENTEI PASSAR PARA OS CACHEPÔS



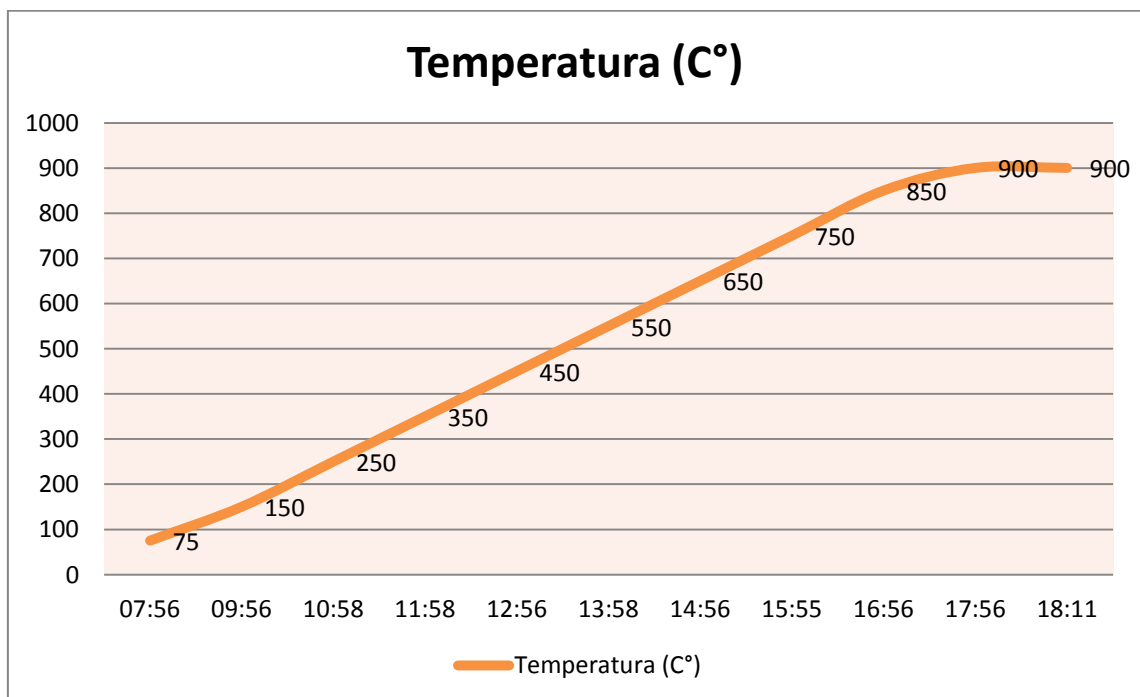


PEÇAS DA 1ª QUEIMA DE BISCOITO

Desta vez já com mais experiência e menos receio, realizei a 2ª queima de biscoito no dia 20 de dezembro de 2013, seguindo tabela a seguir

Como desta vez coloquei a placa cerâmica, todas as peças ficaram perfeitas.

GRÁFICO DA 2ª QUEIMA DE BISCOITO





RESULTADO DA 2ª QUEIMA DE BISCOITO

Ainda fiz uma terceira queima de biscoito para finalizar as peças do TCC. Neste ínterim fui convidada a expor minhas peças cerâmicas em um bar, porém lá não tem hall, o ambiente não oferece espaço para exposição, é de telhado à mostra com muitas vigas em que pode-se pendurar peças. O estabelecimento “Garimpo”, que juntamente com outros 50 estabelecimentos de cidades vizinhas: São João del Rei, Tiradentes...estarão participando do "2º festival Happy Hour" porém seu coordenador, Adriano Margotti, quer além da gastronomia, transformar em um evento cultural, e atrações especiais. Dessa forma além das peças que já possuía para o TCC, fiz mais jardineiras:





Fiz algumas folhas de cerâmica com a finalidade de construir um móbile, porém como sugestão, Luciana Chagas pediu que eu pesquisasse sobre Jesus Rafael Soto, um artista Venezuelano nascido em 1923 e faleceu em 2005 em Paris, foi o precursor da Arte Cinética



SOTO, Jesus Rafael. *Movimento*.

Há também outro artista que descobri no face “O Ceramista Artesdofogo” Chris Dorosz, canadense nascido em 1972, achei incrível, que cria esculturas intrincadas usando uma grade de barras acrílicas:



DOROSZ, Chris. *Família*

Inspirada nos artistas citados tentei fazer uma escultura com fios utilizados para costurar selas, a intenção foi representar a cabeça de um cavalo, mas não ficou muito parecido, porém a estética ficou satisfatória.



SUPORTE EM PONTO DE OSSO



FOLHAS PARA O SUPORTE





ESCULTURA VISTA DE ÂNGULOS DIFERENTES

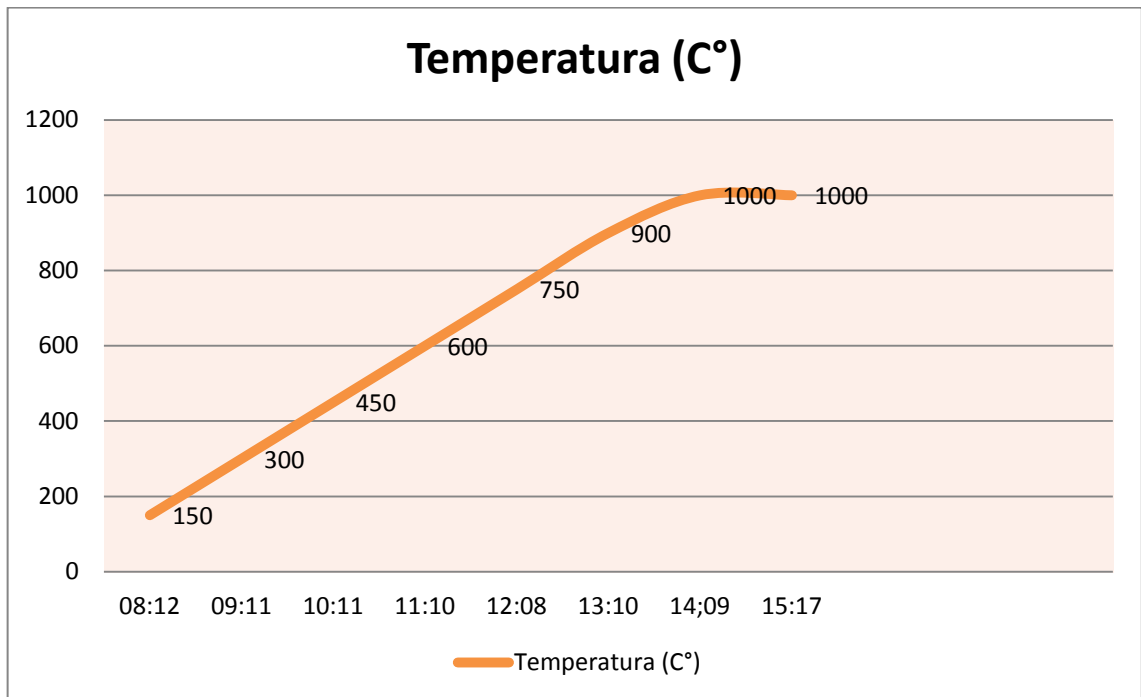
Novo desafio fazer a 1ª queima de esmaltes, também sob orientação de Luciana Chagas. Os esmaltes adquiridos na Hobby Cerâmica, com orientação para manuseio com máscara e à temperatura de 980° a 1240°, são de baixa temperatura pois o forno tem potência até 1000°.



Peças esmaltadas, antes da queima.



GRÁFICO DA 1ª QUEIMA DE ESMALTES



Na queima de esmaltes, o efeito não foi satisfatório como na queima de biscoito, o único esmalte que deu um resultado esperado foi o transparente CMF 621 Hobby Cerâmica. O verde primavera CMF 1760 Hobby Cerâmica ficou muito transparente e o vinho rubi CMF 1765-Hobby Cerâmica ficou manchado e em uma peça não fundiu completamente.



ESMALTE VINHO RUBI CMF 1765-HOBBY CERÂMICA NÃO FUNDIU
COMPLETAMENTE



ESTAS PEÇAS FORAM ESMALTADAS POR DENTRO COM O ESMALTE VINHO RUBI
CMF 1765-HOBBY CERÂMICA , COMO PODE-SE OBSERVAR NÃO FICOU
HOMOGÊNEO



SELA COM ESMALTE VINHO RUBI CMF 1765-HOBBY CERÂMICA



DA MESMA FORMA QUE ESMALTEI ESTA PEÇA, COM ESMALTE VINHO RUBI CMF 1765-HOBBY CERÂMICA, ESMALTEI AS ANTERIORES, E FORAM DE UMA MESMA QUEIMA



ESTA PEÇA FOI ESMALTADA COM O VERDE PRIMAVERA CMF 1760 HOBBY CERÂMICA.



ESTA PEÇA FOI ESMALTADA COM ESMALTE TRANSPARENTE CMF 621 HOBBY
CERÂMICA

Dessa forma, resolvi apresentar minhas peças apenas enceradas, pois realçam a cerâmica e as texturas.







No mês de dezembro de 2013, recebi um convite do estabelecimento “Garimpo” (barzinho) situado à rua Joel Gonçalves 460, em Dorés de Campos, para participar expondo minhas peças cerâmicas como parte cultural do “2º Festival Happy Hour de Cultura e Gastronomia”. E assim encerro meu TCC, com a apresentação das peças ao público.



FOTOS DA EXPOSIÇÃO COM A PRESENÇA DA PROFESSORA LUCIANA



FOTOS CEDIDAS PELA JORNALISTA RAQUEL (GARIMPO 25 DE JANEIRO DE 2014)



FOTOS CEDIDAS PELA JORNALISTA RAQUEL (GARIMPO 25 DE JANEIRO DE 2014)

CONCLUSÃO

“Crescer, saber de si, descobrir seu potencial e realizá-lo: é uma necessidade interna. É algo tão profundo, tão nas entranhas do ser, que a pessoa nem saberia explicar o que é, mas sente que existe nela e está buscando-o o tempo todo e das mais variadas maneiras, a fim de poder identificar-se na identificação de suas potencialidades.”

Esse parágrafo, escrito por Fayga Ostrower, ilustra exatamente o que aconteceu comigo durante o curso, pois minha ideia inicial foi cursar apenas as disciplinas teóricas sobre Arte, porém me identifiquei com o desenho e a modelagem em argila.

Entretanto, enfrentei algumas dificuldades, pois nunca havia modelado em argila ou qualquer outro material. Adquirit um torno, na esperança de exercitar bastante e estar apta para levantar peças robustas e imponentes, mas percebi que é exaustiva a caminhada para ser um bom oleiro. Consegui manusear o torno, mas descobri que necessito exercitar diariamente.

Fiz peças singulares, às quais busquei inspiração no ofício de seleiro da minha cidade. Ao finalizar a graduação em Artes Aplicadas, percebo que assimilei muito com relação à cerâmica, mas tenho muito o que aprender ainda.

Finalizarei minha conclusão com uma mensagem interessante, do grupo Facebook: “o ceramista artesdofogo” – creativesomething.net, tradução de [facebook.com/izabelparizartes](https://www.facebook.com/izabelparizartes), que deveria ter lido no início da graduação.

“Coisas que gostaria que alguém tivesse me dito sobre ser artista:

- 1) Não compare seu trabalho com o dos outros. Compare seu novo trabalho com o antigo;
- 2) Você não é obrigado a ir à escola de arte. Mas fazê-lo pode levá-lo mais longe e rápido;
- 3) Alguém, algum dia vai amar o que você faz (e pagar por isso);
- 4) Um bom trabalho realmente leva muito tempo para ser feito. Seja paciente consigo mesmo;

- 5) Crie todos os dias. Mesmo que fique um lixo. Você não pode se aprimorar e se aperfeiçoar se a tela estiver em branco.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDAS, Waldenyr. *Cultura*. São Paulo; Global, 1986

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINKAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHAVARRIA, Joaquim. *A Cerâmica*. Tradução: Rui Pires Cabral. Espanha: Parramón Ediciones, S.A., 1982

FILHO, Francisco Raposo. *Memórias administrativas e fatos históricos de Dorcas de Campos*. Dorcas de Campos, 1988.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. *História & ensino de História*. Belo Horizonte : Autêntica, 2003.

LARA, Silvia Hunold. História, memória e museu. *Memória e Ação cultural – Revista do Arquivo Municipal*. Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. São Paulo, 1992.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral e Memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992.

OSTROWER, Fayga, *Universo da Arte*. Rio de Janeiro: Campus, 1983

_____. *Acasos e criação artística*. Rio de Janeiro:Elsevier, 1999

PENNA, J. O. de Meira. *D. Juan e o bandeirante brasileiro*. Planeta especial (mimeo).

PEREIRA, José Lopes. *Na terra da figueira encantada*. 3 ed. Juiz de Fora: Esdeva, 1967.

PRAXEDES, José Vicente. *A saga dos tropeiros na terra da figueira encantada*. Vitória: Ita Gráfica, 2002.

KRAUSS, Rosalind E.: Tradução de Júlio Fischer. *Caminhos da Escultura Moderna*. São Paulo : Martins Fontes, 2007

SIMAN, Lana Mara de Castro. Os currículos e as novas fronteiras de História. In:*História: fronteiras*. XX Simpósio Nacional da ANPUH Florianópolis, julho/1999.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História oral*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira – Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992.

TRINDADE, Jaelson Bitran. *Tropeiros*. São Paulo:Editorações e Comunicações Ltda, 1992.
Patrocínio:Incepa – Industria Cerâmica Paraná S.A Lei 7.505/86. Fotografias de João Urban.

www.portaliphan.gov.br

www.espacoarte.com.br/artistas/522-jesus-rafael-soto

www.artnet.com/artists/chris-dorosz/biography-links

http://www.desempenho.esp.br/livro/get_capitulo.cfm?id=819